SEC-39592
-13969-

Redacção e Administração: Rua Joaquim Sarmento 12—Manáos

NUMERO AVULSO — Capital . . 500 rs. — Estados . . 600 rs.

ASSIGNATURAS — Anno . . . 20$000 — Semestre . 12$000

N.º 5 — Manáos-Sabbado, 18 de Abril de 1914 — ANNO I

BIBLIOTECA PARTICULAR DE MÁRIO YPIRANGA MONTEIRO

Engoli, de grão em grão,
O grão meu e o grão alheio;
Deixo o Banco de Tostão
E vou-me de papo cheio.

Seringueiro.

Uma operação cirurgica

Como os leitores verão da noticia abaixo, extrahida do *Correio da Manhã* de 15 de Fevereiro ultimo, do Rio de Janeiro, acaba de se fazer pela primeira vez nessa Capital, uma melindrosa e importantissima operação cirurgica. Dos meritos e altos conhecimentos scientificos do seu autor, bastante nos devemos orgulhar, pois Rodolpho Chapot Prevost, o notavel cirurgião, é um amazonense.

Ao passarmos para as nossas columnas, a descripção cirurgica, fazemol-o, tendo em vista prestar assim, homenagens ao seu autor, nosso illustre conterraneo e enviar-lhe os nossos sinceros cumprimentos.

«A cirurgia, é sabido, tem feito nestes ultimos tempos espantosos progressos; o que se tem conseguido neste ramo da medicina, na Allemanha, na França, nos Estados Unidos, deixa a perder de vista tudo o que pudessem fantasiar ha um seculo passado os espiritos mais optimistas.

Os nossos medicos têm acompanhado de perto esses progressos, e na Santa Casa da Misericordia, como em outros hospitaes e em clinicas domiciliares, operações cirurgicas têm sido realizadas, capazes de honrar os mais habeis especialistas europeus.

Agora mesmo temos noticia de uma melindrosissima operação realizada este mez, pelo illustre dr. Chapot Prévost, que continúa a fazer brilhar o nome notavel do seu saudoso irmão, o professor Eduardo Chapot Prévost.

Trata-se de uma trepanação, effectuada em um individuo, victima de um desastre na Estrade Ferro Central, operação que teve por fim retirar-lhe da cabeça, esquirolas osseas, desprendidas da taboa interna do craneo, em consequencia do golpe recebido.

O operado

Dr. Chapot Prévost

O referido individuo foi internado na 17ª enfermaria da Santa Casa, em estado de coma e entregue aos cuidados do dr. Chapot, assistente da 1.ª cadeira de clinica cirurgica da Faculdade de Medicina. Este cirurgião fez diversas rachicenteses, para retirada de liquido cephalorachiano, o qual, além de correr lentamente, apresentava-se hematico; além disso o doente tinha tambem apresentado epistasis.

Apezar de melhoras fugazes, permanecendo, entretanto, phenomenos de irritação da região frontal e não podendo o paciente ter-se de pé, resolveu o mesmo cirurgião fazer uma intervenção, e para isso obteve o consentimento do dr. Marcos Cavalcanti, emerito professor da 1.ª cadeira de clinica cirurgica.

O acto operatorio realizou-se a 2 do corrente, em presença daquelle eminente professor, muitos medicos e crescido numero de academicos de medicina, e auxiliado pelo dr. Soares Pereira e internos A. Lattari, Guimarães Pereira e Sabastião de Barros, os dois uliimos encarregados da anesthesia.

O dr. Chapot Prévost, depois de ter feito a hemostasia proventiva com as placas de Kredel, e em seguida a diérese dos tecidos molles, com afastamento do periosteo, executou a trepanação, confeccionando o retalho osteo cutaneo pelo processo de Wagner, dando ao mesmo retalho a fórma quadrilatera, segundo aconselha o professor Krause, de Berlim, sendo esta a primeira vez que assim se procede entre nós.

Os orificios foram executados com o trepano manual, e as pontes osseas seccionadas com a serra de Gigli.

Levantado o retalho osteo cutaneo, foi explorada a região e retiradas esquirolas osseas da taboa interna do craneo, as quaes feriam a *duramater,* em virtude do que, o doente apresentava desordens irritativas.

Foi tambem verificado que o traço de fractura, prolongava-se pelo andar superior da base do craneo.

O doente foi anesthesiado com chloroformio, por meio do apparelho de Gauttirer, tendo tomado apenas 10 grammas de anesthesico, durante todo acto operatorio.

A 6 do corrente foi feito o primeiro curativo com a mesma rigorosa asepsia observada no feito cirurgico, tendo-se verificado a cicatrização *per primam,* achando-se o doente restabelecido, pois, já se alimenta com muito appetite, caminha só á vontade, já preside ao funccionamento dos orgãos dejectorios, o que não se dava antes da intervenção.

O dr. Chapot tem recebido comprimentos de seus collegas e discipulos, pelo resultado brilhante do seu trabalho cirurgico, tanto mais admiravel, quando o doente operado já se achava no periodo de coma, em estado, portanto, desesperador».

«CA' E LA'» INFANTIL

Hiram, Eldah e Mario, tres interessantes crianças, filhinhas do Sr. Oscar Bitton, guarda-livros da importante casa commercial Ascensi & C.ª em Calama, no rio Madeira.

BEBAM CERVEJA AMAZONENSE A MELHOR

FERNANDES & GÓES Commissões e Consignações
RUA GUILHERME MOREIRA, 29 — MANÁOS

DE CATULLUS

AD LESBIAM

Vivamus, mea Lesbia, adque amemus
Rumoresque senum severiorum
Omnes unius ætimemus assis.
Soles occidere et redire possunt:
Nobis, quem semel occidit brevis lux,
Nox est perpetua una dormienda.
Da mi basia mille, deinde centum;
Dein mille altera, dein secunda centum;
Dein usque altera mille, deinde centum;
Dein, quum millia multa facerimus,
Conturbabimus illa, ne sciamus,
Aut ne quis malus invidere possit,
Quum tantum sciat esse basiorum.

A' LESBIA

Amemo-nos, ó Lesbia, eternamente. . .
Que a velhice caduca rumoreje
Do nosso amor. . .
Mergulha o sol nas brumas do occidente,
Mergulha, mas reponta;
E jamais nós seremos como o sol
Quando te fôres e quando eu me fôr!
Que mil beijos me dês e que eu te beije
Mil vezes, até que percam a conta,
Que se não lembrem do formoso rol
Dos nossos beijos castos e ruidosos
Os maldizentes mais os invejosos!

1914

JOÃO BARAFUNDA.

DON'T

Ao brasileiro, ao inglez, ao allemão, ao italiano, etc., é permittido limpar o pescoço com a fralda da camisa. Ao francez, não.

***

Para uma visita de ceremonia não se deve vestir fraque sem abas. Os fraques assim só no carnaval são permittidos.

***

Só se deve usar a lingua para falar e humedecer a gomma dos sellos e sobrescriptos . . . unicamente.

***

Se uma senhora formosa nos pedir um beijo, é de boa norma satisfazer-lhe o innocente pedido. Se, porém, fôr feia, é restricto dever nosso dar-lhe um valente beliscão em ar de brincadeira.

***

Se, ao passarmos por uma pessôa de ceremonia, esta nos saudar com um «bom dia», só poderemos corresponder a esta saudação dizendo: «Bom dia». Caso, porém, seja pessôa intima poderemos responder com um «boa tarde» ou um «boa noite».

***

Desde que um homem vista saias, poderemos consideral-o ou não mulher; mas se uma mulher vestir calças, manda o bom tom que a consideremos sempre como mulher.

***

Sempre que uma pessôa nos dér «bom dia», é obrigação nossa responder «bom dia», «boa tarde», ou «boa noite» (de accordo com a regra supra-citada), porém, immediatamente. Aos gagos, no entanto, é permittido dizer «bom»... no momento da saudação, e deixar o resto para o dia seguinte.

PETRONIUS.

Echos do Carnaval

Alina, galante neta do sr. Commandante Patricio Bentes, em traje de mulata bahiana.

SEDA, LINHA E ARTIGOS PARA BORDAR

Vendem-se no BAZAR PASSE-PARTOUT

Rua Joaquim Sarmento, 7

Aventuras Policiaes de Simão Cubas

A Hipótese das cebôlas

por FLAVIO D'ORNÉLAS

Resumo do número anterior

O sr. Artur Gamarra, com escritório á rua B... n. 8, narra a Simão Cubas, agente de polícia de incomparavel talento, que, estando a tratar, em seu escritório, com o sr. Raimundo Sampaio, que aí fôra acompanhado de um amigo, que Gamarra não conhece, um negócio que dizia respeito, ao seu comércio, ouve inesperadamente, dado da porta da rua, um tiro que atinge Sampaio pelas costas. Correndo elle (Gamarra) e o tal amigo para a porta, verificaram que a rua estava deserta, não havendo hipótese alguma que explique o desaparecimento do criminoso, que, pelas circunstâncias do facto, não podia nem ter entrado em casas vizinhas ou fronteiras àquêla em que se deu o crime, nem tão pouco saltado pelas janelas para dentro da própria casa em que se verificou o facto criminoso. Simão Cubas dirige-se imediatamente para o local afim de dar começo ás suas investigações.

(Continuação)

II

A HIPÓTESE DAS CEBOLAS

Simão Cubas

Assim que entrei no corredor, vi Simão Cubas em pé, de frente para a porta da rua; e na porta que diz para a sala, uma multidão de cabeças curiosas, fitando o polícia, que, imovel, tinha o olhar parado de quem medita.

Esperavam cheias de ansiedade o resultado, (quase sempre fatal para o criminoso), daquêle remoer de idéias tenaz, incançavel, que se operava no possante cérebro do grande criminalista.

A sua imobilidade, porém, dous minutos apenas durou. Saíu déla tendo nos lábios um quase imperceptivel sorriso. O olhar perdera tambem a fixidez de pouco antes e brilhava agora com um vivo clarão de triunfo.

— Faça-me o obzéquio — disse êle rapidamente a Gamarra — de colocar as cadeiras, tão precisamente quanto possivel, nos logares em que se achavam no momento em que ouviu a detonação.

Gamarra prontamente obedeceu.

Cubas aproximou-se, então, daquéla em que estivera sentado o amigo de Sampaio, sentou-se néla e, voltando-se para mim, acrescentou:

— Senta-te aí.

E indicou-me a cadeira de Sampaio.

Sentei-me, intrigado com os modos um tanto misteriosos do meu amigo.

Entretanto, já o não devia estranhar, pois tempo de sobra tinha eu para conhecer o método de trabalho do único rival de Sherlock Holmes.

Assim que me sentei, elle entrou a passar-me a mão pelas costas como se estivesse a acaricial-as. De repente, levantou-se e dirigiu-se para a carteira do sr. Gamarra. O seu rosto estava impassivel como uma máscara. Aproximou-se do movel, fitou durante segundos um determinado sítio dêle e afastou-se. A fronte tinha-se-lhe enrugado. Baixou a cabeça e ficou silencioso alguns instantes, alheio a tudo que o cercava, ao cabo dos quaes, voltou-se para o sr. Gamarra.

— Tem certeza — perguntou-lhe — de que o tiro partiu da porta da rua?

— Assim me pareceu, sr. Cubas.

— Então — disse elle irritado — não ha meio de explicar como a bala, depois de atravessar o corpo do sr. Sampaio, veio cravar-se na sua carteira.

Fez-se um silêncio em tôrno de nós, quebrado de quando em quando por alguns pigarros incoersiveis de um ou outro circunstante.

Involuntariamente eu tambem cogitava em tão singular assassinato, que de momento a momento mais obscuro se tornava. Mas... aquélas palavras de Simão Cubas eram preciosas: «Então, não ha meio de explicar como a bala, *depois de atravessar o corpo do sr. Sampaio veio cravar-se na carteira*». Palavras que valiam ouro e que fizeram luz no meu espírito. Estava explicado todo aquêle *imbroglio!*... Admirava-me até que Simão Cubas, com as formidaveis qualidades que possuia, não houvesse ainda achado o fio da meada. Como era possivel que êle, o grande Simão Cubas, o invicto Simão Cubas, o imortal polícia, não pudesse explicar o ter a bala atravessado o corpo de Sampaio e varado a secretária de Gamarra?!...

A minha admiração equivalia a uma vitória retumbante.

Tomei, pois, um ar de conselheiro grave e disse ao meu amigo:

— O tiro não pode ter partido da porta da rua.

Simão Cubas fitou-me quase espantado.

— Pois, não acabas de ouvir dizer ao sr. Gamarra...

— Que assim lhe pareceu? Ouvi. E explico *o ter-lhe assim parecido,* pela sugestão que lhe deve ter produzido o tal amigo do sr. Sampaio, com o seu movimento para a porta da rua. Qualquer pessôa que *não visse o tiro* e visse, logo após a detonação, correr o tal amigo em direção á porta da rua, julgaria que d'aí êle tinha partido.

Simão Cubas adiantou-se para mim a sorrir satisfeito e apertou-me a mão.

— Bravos! Muito bem deduzido. O teu raciocínio está bem feito; mas irá esbarrar em um tropêço que se acha ao fim. Continúa.

Continuei sob os olhares motejadores dos circunstantes que pareciam dizer: «Ora, o mosquito a querer engolir um elefante!...»

— Ora, admitida a hipótese de que o tiro não partiu da porta da rua, só podia ter sido dado de dentro de casa.

— Isso não é uma hipótese, é um facto verdadeiro.

— Ah! — exclamei triunfal.

E fitei imperialmente os motejadores de ainda ha pouco. Já lhes não vi o mesmo ar de zombaria. Notei, ao contrário, que na sua atitude de algo havia de respeitoso.

— Ora, pois — continuei — se isto é um *facto verdadeiro,* a única pessôa que podia ter dado o tiro é o tal amigo do sr. Sampaio, passando o braço por trás deste e disparando, em seguida, o revólver.

Ouvi um sussurro de aprovação e creio até que do meio dos circunstantes saíu, muito discreto, um «bravo!» animador.

Mas Simão Cubas não deixou que por muito tempo eu gozasse o meu triunfo.

— Essa hipótese — disse-me êle com uma impassibilidade terrivel — já eu a formulei, quando mandei que te sentasses na cadeira de Sampaio e me sentei na do tal amigo, acariciando-te, em seguida, as costas. Ela nada explica, porque, dado o tiro a queima roupa, a bala não teria força bastante para atravessar o corpo de Sampaio e cravar-se na carteira do sr. Gamarra.

Algumas risadas concluïram a derrota que me infligira Simão Cubas.

Mas ainda tive a infeliz teimosia de acrescentar:

— Pois bem, veremos se o tal amigo ainda põe os pés aqui.

Neste momento, *o tal amigo* entrou acompanhado de um médico.

Este foi introduzido na sala pelo sr. Gamarra, para junto do corpo do inditoso Raimundo Sampaio, enquanto o tal amigo, que se chamava André Barbalha, segundo nos declarou, narrava ao polícia o facto tal qual nol-o havia narrado o sr. Gamarra, afirmando, contudo, que *o tiro partira da porta da rua.*

Simão Cubas estava devéras interdicto. Notava-se-lhe nas feições um rictus de contrariedade. Foi assim que entrou na sala, seguido por mim e pelo sr. Barbalha.

A' nossa vista apresentou-se um espetáculo tristissimo. Sobre uma das mesas da qual haviam retirado as amostras que a cobriam e jaziam esparsas pelo soalho — na que ficava mais perto da alcôva — estava estendido o corpo ensanguëntado de Raimundo Sampaio que o médico examinava. Grande número de curiosos de pé formavam um círculo ao longo das paredes da sala, revelando na atitude extrema compunção.

Quando entramos na sala o facultativo acabava o seu exame. Simão Cubas aproximou-se dêle e perguntou-lhe alguma cousa que não ouvi.

O médico, balançou a cabeça e levantou os ombros como se dissesse que já nada podia fazer, que era um homem morto. E acrescentou:

— Mais alguns momentos de vida e estará tudo acabado.

— Então — disse Simão Cubas com vivacidade — não ha inconveniente em lhe fazer algumas perguntas? . . .

— Nenhum — replicou o médico — mas acho que se deve apressar, porque o senhor não levará, segundo penso, muito tempo a interrogal-o.

Simão Cubas precipitou-se para a mesa e com insistência nervosa perguntou a Sampaio:

— Então, sr. Sampaio, responda-me: Quem foi que lhe deu o tiro?

Sampaio entreabriu os olhos e fitou-os no polícia.

— Não pode falar? — continnou Cubas — Pois bem, responda-me com os olhos apenas: se quizer dizer «sim», feche-os. Vamos, um pequeno esfôrço. O tiro partiu da porta da rua?

Os olhos de Sampaio fecharam-se.

— Escute — continuou Cubas — Está-me ouvindo, sr. Sampaio?

— Sim — respondeu êle com os olhos que se fecharam de novo.

— Bem. O sr. Gamarra e aqui o sr. Barbalha que o acompanhou a esta casa . . . Não é verdade? . . .

Mais uma vez o sr. Sampaio fechou os olhos.

— Ouça bem, os dous correram para a porta da rua, logo após a detonação, afim de verem quem tinha detonado a arma que o feriu. E' verdade, não é?

— Sim — responderam os olhos do ferido.

Simão Cubas tornou:

— Pois bem, a rua estava deserta. . .

Os olhos do sr. Sampaio abriram-se desmedidamente . . .

— Segundo circunstâncias que não vale a pena mencionar, estou convicto de que o tiro não foi dado da rua e sim de dentro de casa. Parece-lhe que tenho razão?

Os olhos continuaram abertos, fitos no rosto impassivel do grande polícia.

— Bem — continuou este — Admitida esta hipótese como verdadeira, o senhor desconfiará de alguém que tivesse interêsse em o matar?

Os olhos fecharam-se muitas e repetidas vezes.

— Pois é necessário que diga quem é esse alguém . . .

E Simão Cubas acrescentou com certa energia.

— E' preciso, sr. Sampaio, é preciso. Poderá escrever o nome dessa pessôa?

— Não — disseram os olhos que se mantiveram abertos.

Simão Cubas estava impaciente e havia em todos os seus gestos e na sua voz uma ansiedade incontida. A situação era verdadeiramente angustiosa. Estava-se na iminência de desvendar todo aquêle mistério; mas estava-se tambem na iminência de não ser êle desvendado, se a morte cortasse o ténue fio de vida á vítima do crime, que só por um milagre ainda respirava. Como bem dissera o meu amigo, era preciso que esse *alguém* fosse nomeado.

O médico aproximou-se do ferido e tomou-lhe o pulso.

— Sr. Cubas — disse êle — o pulso está fugindo.

O polícia, como um desesperado, pegou nas mãos do moribundo e gritou-lhe:

— Sr. Sampaio! . . . Sr. Sampaio! . . . Faça um pequeno esfôrço. . . um grande esfôrço. . . vamos, o último! . . . e diga-me o nome do seu assassino.

Os lábios do desgraçado moveram-se como se fossem pronunciar alguma cousa.

— Diga! diga! vamos! . . . insistiu Cubas.

Movimento apenas; dêles não saía um único som.

Simão Cubas, então, com uma espécie de raiva impotente, inclinou-se por sobre o corpo e colou o ouvido á bôca do muribundo, afim de colher o nome que porventura déla saísse, apoiando a mão esquerda sobre o peito quase quieto. Afigurava-se-me que o polícia era um irmão da vítima chorando-lhe sobre o peito a morte prematura.

Mas. . . os lábios lívidos deixaram de se mover. . . uma leve relaxação dos músculos. . . um pequeno estremecer. . . e o médico murmurou:

— Está morto.

Simão Cubas, com as mãos crispadas pela cólera, levantou-se e, havendo apenas ouvido o último suspiro de Raimundo Sampaio, disse-me com voz vibrante:

— Nada!

E pôs-se a contemplar o rosto desfigurado do morto cujos olhos escancarados continuavam fitos no além . . .

Com um braço encostado ao peito servindo de apôio ao outro braço, cuja mão apoiava o queixo de linhas enérgicas, Simão Cubas esquadrinhava todos os escaninhos de sua maravilhosa inteligência á busca de um clarão que o iluminasse no complicado labirinto daquêle tenebroso crime, cuja revelação ficara para sempre trancada pela morte na garganta da vítima estendida sobre a mesa que lhe servia de leito mortuário. De vez em vez uma crispação nervosa dos músculos do seu rosto, anunciava um mau êxito na serie de suas locubrações.

As pessôas presentes mantinham-se fechadas num silêncio tumular, um silêncio de espectativa. Aguardavam todos que uma centelha de luz brotasse do cérebro do prodigioso polícia; que uma exclamação qualquer dêle revelasse que a justiça ia triunfar . . .

—O'! êle descobrirá . . .—ouvia-se de todos os lados.

Simão Cubas, que até então se conservara quêdo como uma estátua, teve uma contração no rosto, uma vaga contração de nôjo, que pouco a pouco se foi acentuando, até se definir completamente pelo realçamento das narinas.

Entrava a farejar como um perdigueiro, voltando-se para todos os lados, á cata do odor que buscava.

Cheirou as mãos e depois tornou á primeira imobilidade, da qual saíu momentos depois, para dizer o seguinte, com uma voz exquisita:

—E' preciso que reconheçamos a identidade do assassinado.

E voltando-se para os circunstantes:

—Ninguém tocou no corpo do sr. Sampaio enquanto eu aqui não estava?

Todos responderam á uma que não.

Simão Cubas, sempre incomodado pelo mau cheiro que sentia, pediu ao dono da casa que lhe mandasse trazer uma bacia com agua limpa, sabonête e toalha.

Minutos depois, entrava o sr. Gamarra com os objétos pedidos.

Simão Cubas lavou cuidadosamente as mãos e depois de as enxugar, dirigiu-se para o cadáver. Afastou-lhe as abas do paletó e introduziu as mãos no bolso de dentro, de onde tirou uma carteira de couro fino. Tomou-lhe o cheiro e disse n'um sussurro:

—Couro da Russia.

Retirou déla os papéis, examinou-os e, depois de os repôr no mesmo logar, meteu-a no seu bolso, dizendo:

—Estão em ordem. Nada mais tenho a fazer aqui. Meu caro sr. Gamarra, creia que compartilho o seu aborrecimento pelo desagradavel facto sucedido em sua casa. Mas ainda não desesperei de descobrir o criminoso. Sr. André Barbalha, peço-lhe que me acompanhe á Repartição Central.

—Perdão, disse este último, eu não sou o criminoso.

—Eu não disse isso, sr. Barbalha. Pedi-lhe apenas que me acompanhasse á Repartição Central e. . . insisto no meu pedido. Vamos.

Tudo isto fôra dito com voz glacial.

Passamos para o corredor onde se deu o crime, seguidos por todos os circunstantes que se iam embóra. Simão Cubas cheirou de novo as mãos e, tirando do bolso um lapis fino, introduziu-o no buraco feito pela bala na carteira, deixando dous terços dêle do lado de fóra. Afastou-se depois do movel e fitou o lapis alguns instantes, ao cabo dos quaes desceu as escadas, cabisbaixo, com ar de quem medita.

Ao saírmos da casa, encontramos o agente Paulo, um caboclo entroncado, da inteira confiança de Cubas que vinha informar-se a respeito do crime.

—Não é preciso mais nada. Espere.

E voltando-se para Barbalha, perguntou:

—O sr. Sampaio, seu amigo, era casado?

—Sim, senhor—respondeu o outro.

—Onde mora a senhora dêle!

—Na rua M . . . n.º 180

—Obrigado.

E virando-se para o agente Paulo:

—Vae postar-te em frente da casa n.º 180 da rua M . . . e não consintas que alguém lá entre antes de mim.

O agente Paulo abalou imediatamente enquanto eu, Cubas e Barbalha nos encaminhamos para a Repartição Central.

De caminho para lá, Simão Cubas, quebrando o silêncio que reinava entre nós, atirou-me as seguintes palavras enigmáticas:

—A única hipótese que cabe no caso é a *hipótese das cebôlas.*

(Continúa)

ESPIRITO ALHEIO

—Tenho a honra de lhe apresentar a minha mulher...

—Perdão... Mas muito obrigado. Não desejo ser infiel á minha.

Num dos estabelecimentos de ensino de Manáos, tendo uma alumna dado queixa contra uma collega sua e havendo o director punido esta sem primeiro a ouvir, um dos professores, achando que não devia ser esta a *marcha do processo,* exclamou:

—Quando uma alumna dá uma queixa contra outra, o director, para applicar o castigo, não deve ouvir sómente a queixosa, deve tambem ouvir a *queixada.*

LLOYD PARAENSE

SEGUROS MARITIMOS E TERRESTRES

A MINERVA

TORRAÇÃO DE CAFÉ A VAPOR

MIGAÇÃO E DESFIAÇÃO DE TABACOS

Deposito permanente de tabacos e café

Especialidade em café moido e tabacos preparados de todas as procedencias e qualidades

R. F. D'AMORIM & Ca.

Caixa postal No. 733

Rua dos Barés No. 10—MANÁOS

O socio gerente Antonio L. Camello

LEITARIA AMAZONENSE

DE

Costa Pinto & Diogo

Completo sortimento de bebidas nacionaes e extrangeiras

Deposito das afamadas bolachinhas **"SERTANEJAS"**

Leite a toda a hora escrupulosamente examinado por lactometro

Deposito de gelo e bebidas geladas

Rua dos Barés, corpo exterior do Mercado letras H, M e N

MANAOS

AVISO

A disponibilização (gratuita) deste acervo, tem por objetivo preservar a memória e difundir a cultura do Estado do Amazonas. O uso destes documentos é apenas para uso privado (pessoal), sendo vetada a sua venda, reprodução ou cópia não autorizada. (Lei de Direitos Autorais - Lei nº 9.610/98). Lembramos, que este material pertence aos acervos das bibliotecas que compõem a rede de bibliotecas públicas do Estado do Amazonas.

EMAIL: ACERVODIGITALSEC@GMAIL.COM

Secretaria de
Estado de Cultura

CENTRO CULTURAL DOS
POVOS DA AMAZÔNIA